

Natal é simplicidade, nada a ver com ostentação



» PAULO JOSÉ CUNHA
Jornalista, professor
e escritor

O mais fascinante aspecto do Natal cristão é a mensagem da simplicidade. Até os agnósticos não escondem o espanto diante de uma história que tem sua força numa narração que vai ao contrário do que seria de se esperar. Afinal, o nascimento de um menino que é Homem e Deus ao mesmo tempo, na tradição das histórias de outras religiões ou da literatura fantástica, deveria remeter ao surgimento de um super-herói dotado de superpoderes, rico, poderoso, herdeiro de um reino próspero, com os pais ocupando elevados cargos e com um trono de ouro pronto à sua espera. Afinal, não seria o nascimento de um menino qualquer, mas do filho...de Deus! De Deus!

Mas a história contada no texto bíblico vai em sentido oposto. Relata a história de um casal muito simples e pobre que vai à sua cidade natal, Belém, se apresentar para um censo, porque o governo da época queria saber quantos súditos havia no reino. Não havia internet, telefone nem telégrafo na época. O jeito era pegar a estrada pra ir contar a um funcionário do governo quantos moradores na casa deles, quantos homens, quantas mulheres, quantas crianças, essas coisas. A Bíblia até fala que José descendia de Davi, o rei sábio. Mas fica por aí, não diz mais nada. E Maria estava grávida, já pertinho de ter o filho. Por isso, eles prepararam o burrinho, umas poucas mudas de roupa, uns paninhos pro bebê que podia nascer a qualquer

momento. Cada um com seu cajado para se apoiar nas passagens mais difíceis, tocaram pra Belém. Claro que não tinham feito reserva em hotel, pousada ou albergue. Nem havia Bancorbrás ou Airbnb naquela época.

Bateram de porta em porta, mas encontraram todas as pensões lotadas. Claro: tal como eles, todo mundo tinha ido se registrar no censo. Não havia acomodação. Fazer o quê? Maria já começava a dar sinais do parto iminente. A saída foi se ajeitarem num estábulo, um curral pra usar uma linguagem mais aqui do nosso dia a dia. Por isso, tiveram de ficar ali, misturados a bois, cavalos, ovelhas. Com o cheiro de seus respectivos cocôs e xixis. E parece que os estábulos eram construídos em grutas, porque há até uma música natalina que diz: "Eis na lapa — sinônimo de gruta — Jesus, nosso Bem".

José era um carpinteiro, desses que cortam madeira bruta pra fazer uma cerca, um mouro de curral, um assoalho ou uma porta rústica. Não era marceneiro, que é o profissional que fabrica móveis e cria objetos para o dia a dia, como gamelas e colheres de pau. Não teve a chance de se especializar. Era muito, muito pobre. Ele percebeu que o único móvel disponível por ali, se é que se pode chamar de móvel, capaz de receber um recém-nascido era a manjedoura, isso que por aqui a gente chama de cocho, onde se põe ração pros bichos comerem. Maria forrou o cocho com algumas palhas, envolveu o menino nos paninhos que havia trazido. Pronto: estava pronto o berço do filho de Deus. Ali mesmo Maria deu à luz, sabe-se lá em que condições. Parteira? Qual! Obstetra? Mas nem!

Fazia frio naquela noite, e os relatos da Bíblia dão conta de que foi o bafo quente do burrinho e da vaquinha que estavam na estrebaria o que garantiu o calor para aquecer o recém-nascido. Toda essa simplicidade contrasta diretamente com a ideia de que aquele menino

era Deus. Ora, Deus pode tudo, é onipotente. Se desejasse, poderia ter mandado seu filho nascer num palácio, com toda a pompa e conforto, dezenas de empregados à disposição, ricos perfumes, óleos raros e especiais, roupas delicadas e ornadas com sofisticados bordados.

Mas não. O menino veio ao mundo da forma mais simples e pobre, como se Deus quisesse dizer: "Olha, gente, não é a riqueza, gente! Não é a riqueza! Aprendam logo: felicidade rima é com... simplicidade". Por isso espanta e aborrece ver representações do Natal com José e Maria vestidos com roupas ricas e vistosas, cheias de pedras preciosas, tudo muito fashion e chique. Natal, portanto, é recomeço, recriação, renovação. Renovação pela simplicidade. Pela humildade. Pelo contrário da ostentação.

Neste instante em que as famílias se encontram em festa, e se abraçam, e se beijam e trocam presentes, é hora de se fazer uma reflexão sobre a importância da simplicidade e do desapego. Porque, se há alguém a quem nós podemos e devemos imitar, é o próprio Deus, acreditemos nele ou não. E se ele próprio ensinou que o caminho é o da simplicidade, quem haverá de duvidar?

Portanto, vamos nos abraçar e nos beijar, esquecer o que nos separa e celebrar os valores maiores desta vida — o amor, a fraternidade, a caridade, a simplicidade, o afeto, o carinho, o respeito às diferenças, a tolerância e a certeza de que uma manjedoura simples, numa noite fria de Belém, onde um menino foi deitado há mais de 2 mil anos, tem mais a nos ensinar do que dezenas de tronos de ouro, escolas e professores de escolas caríssimas e centenas de universidades famosíssimas. Ao contrário: nossa festa deve ser feita de simplicidade. E repleta do nosso bem maior: o bem-querer que nos une e nos aproxima.

Feliz Natal a todos!

O agro e a fome: dilema brasileiro



» LEA VIDIGAL
Mestra e doutora
em direito econômico
pela USP

A fome é o maior dilema brasileiro. Dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que, até o fim do ano de 2023, pouco mais de 4% da população do país estava em estado de insegurança alimentar grave. Em números absolutos, 3,2 milhões de pessoas. Bem menos que os 19,1 milhões que sofreram de insegurança alimentar grave em 2020, durante a pandemia da covid-19. Ainda assim, continuamos no Mapa da Fome da ONU (2024), e o contingente de 21,6 milhões (27,6%) de brasileiros sob algum tipo de insegurança alimentar em 2023 é imenso.

Por outro lado, entre janeiro e outubro de 2024, as exportações do agronegócio brasileiro somaram US\$ 140,02 bilhões, representando 49,2% da pauta exportadora total brasileira no período. No livro Direito econômico e soberania alimentar, procuro contribuir para o diagnóstico e a solução desse dilema histórico: somos uma potência na produção agrícola e alimentar convivendo com o drama da fome e dos altos preços dos alimentos. Tal situação não é aceitável. Somos e devemos ser melhores do que isso. Podemos alimentar o mundo, mas devemos alimentar os brasileiros.

A fome é inescapável à história. Josué de

Castro demonstra que o problema atinge os continentes de forma desigual, determinando a organização da vida humana de modo variado, a depender da região geográfica, do meio ambiente, dos modos de vida. Em suas palavras: a fome é uma "praga fabricada pelo homem".

Desde a fome ideologicamente apresentada como "fenômeno natural" e ferramenta do equilíbrio populacional (Malthus) à expansão colonial europeia do século 19, impulsionada pela necessidade de alimentos; até as greves de fome das mulheres inglesas pelo direito de votar no início do século 20, ou de Gandhi na luta pela independência da Índia; a fome é relacionada ao poder. O livro pretende estudar e ofertar soluções a esse dilema. Imaginar e propor soluções para o Brasil que queremos.

Para desvelar a estruturação social da produção e distribuição de alimentos, temos que discutir as noções de direito humano à alimentação, segurança alimentar, soberania alimentar e soberania sobre os recursos naturais, que implicam distintas perspectivas políticas e econômicas, com formas jurídicas diversas. As relações entre Estados nacionais e a conformação do sistema alimentar mundial a partir das suas estratégias de soberania alimentar devem ser conhecidas, pois a organização e o controle da produção e comércio alimentar ocorrem no âmbito do "sistema alimentar mundial", em que os Estados centrais e suas corporações ocupam e disputam constantemente posições de soberania e poder.

Os países desenvolvidos mobilizam diversos e consideráveis recursos visando à garantia de abastecimento alimentar, preços adequados aos produtores agrícolas, controle de

tecnologias estratégicas e mercados internacionais para a diversificada gama de produtos agrícolas, que vão desde commodities até insumos (sementes e fertilizantes) e equipamentos de alta complexidade.

O comando da Organização Mundial do Comércio (OMC) na regulação do comércio internacional, instrumental aos interesses dos países centrais e suas corporações produtivas e financeiras, bem como a crise da hegemonia norte-americana frente à China, são processos a serem desvendados. As tensões distributivas entre centro e periferia e internas a cada país expressam o exercício do poder em condições sociais determinadas e apenas podem ser apreendidas por análises específicas: a teoria do subdesenvolvimento de Celso Furtado nos permite decifrar as questões agrária e agrícola brasileiras, cuja solução permanece inacabada, como demonstra o complexo produtivo da soja. Para resolver nossos problemas, temos que pensar com a própria cabeça.

O direito é uma arena central dessa disputa de poder: a ordem econômica brasileira, com seus comandos finalísticos de desenvolvimento, soberania, erradicação da pobreza e redução das desigualdades sociais e regionais, determina a política agrária, agrícola e alimentar, enfatizando a simultânea dimensão ecológica e tecnológica do desenvolvimento. Os deveres com a alimentação da população pertencem e obrigam a todos os entes da federação, em cooperação. Não é aceitável haver fome em uma potência agrário-exportadora. O Brasil dará o passo político para superar esse atraso e será a generosa nação sonhada pelo fundador de Brasília, Juscelino Kubitschek.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960 (Circe Cunha (Interina))



circacunha.df@dabr.com.br

Caminhos opostos

Talvez, não estejam tão longe os exemplos e as lições de que o Brasil necessita para mudar a rota atual da sua economia, que, segundo a avaliação da maioria dos economistas, segue numa trajetória descendente e perigosa. Nesse caso, basta virar a cabeça em direção ao sul do continente, mais precisamente para a Argentina, observando com atenção os números, apresentados a cada instante, mostrando uma receita bem racional de como lidar com as finanças públicas e, ao mesmo tempo, tirar o peso excessivo do Estado sobre a economia.

No caso específico daquele país, não basta olhar apenas para o que vem sendo feito pelo presidente Javier Milei na economia, mas, sobretudo, mirar a atenção no descasamento que vem sendo realizado entre a má política e a má ideologia das contas do Estado. A questão aqui é simples, mas preciosa. Nos discursos de Milei, estão exatamente suas propostas para a economia argentina. A começar pela frase: "Os políticos não geram riquezas". Ou, quando em discurso no Fórum Econômico de Davos, ele afirmou: "O Estado não é a solução e, sim, o problema." Infelizmente, neste instante, o Brasil e a Argentina estão caminhando em sentidos opostos.

Os resultados dessas opções são mostrados, de forma clara, pelos números da economia de um e de outro país. De modo resumido, o que temos em termos de lição a ser aprendida é mostrado nas comparações entre uma economia que vai em direção ao livre mercado, vis-à-vis uma economia estatizante, impulsionada pelos ventos mal cheirosos da ideologia coletivista e retrógrada. Na Argentina, conforme os últimos dados, a inflação vem caindo de forma exponencial. Era de 25,5% nos governos passados e, agora, é de apenas 2,4% ao mês.

Outro dado mostra que as reservas internacionais voltaram a ser zero, em comparação à situação anterior, que era de US\$ 20 bilhões negativos. Além disso, a diferença entre o peso paralelo e o oficial está praticamente equilibrada. Notem que, quando Milei assumiu, US\$ 1 custava mais de 1.000 Pesos. Com isso, tanto as importações quanto as exportações caminhavam para o colapso. Para fazer frente a esses descalabros na economia, os governos argentinos passaram a imprimir quantidades insanas de dinheiro, na tentativa de baixar a inflação e como modo de maquiar os números reais da economia. Aliás, no quesito manipulação dos números e estatísticas da economia, os governos argentinos do passado eram mestres nesse tipo de arte de engabelações.

Hoje, passados mais de um ano de governo Milei, Brasil e Argentina seguem mais e mais por caminhos opostos. Em um de seus últimos discursos, o presidente argentino prometeu reformas estruturais, como o estabelecimento de um acordo de livre comércio com os Estados Unidos, além de redução dos impostos nacionais em torno de 90% para o ano de 2025. Além disso, dará mais autonomia fiscal às províncias. Tudo ao contrário do que vem acontecendo em nosso país, onde os estados estão cada vez mais atrelados ou algemados ao governo central. Ainda na economia, Milei deu início a reformas radicais na previdência e na área trabalhista.

Na área política, onde as reformas serão profundas também, já se sentem os efeitos de mudanças nas leis de segurança nacional, nas leis penais e outras de igual importância. Milei promete abertura total na economia, com os argentinos podendo comprar, vender e faturar em dólares ou na moeda que bem entenderem. Um fato de suma importância nessa guinada da Argentina rumo ao crescimento é que o nível de pobreza e indigência, que era altíssimo naquele país, começa a declinar depois de décadas.

Para o próximo ano, as estimativas mais humildes falam em um crescimento da economia em mais de 4% do PIB, o que é uma proeza diante da situação falimentar que experimentavam os argentinos até poucos meses atrás. Mas será apenas em 2026, ano de eleições em nosso país, que os números da economia do Brasil e da Argentina poderão demonstrar, na prática, quem realmente caminhou pela estrada da bonança e quem trilhou o caminho da perdição e do atraso. Também não será surpresa se até lá a Argentina se descolar do Mercosul, deixando o passado sombrio para trás.

» A frase que foi pronunciada

"Não se deixe intimidar pela classe política ou pelos parasitas que vivem do Estado."

Javier Milei

» História de Brasília

"Aqui estão algumas respostas: 1) a luta na Novacap não é luta política. É luta de competência ou capacidade, e os competentes não pensam em eleições com interesse em manipular verbas, porque elas são para as obras (Publicada em 24/4/1962)"